

RUTE FERREIRA

MULHERES E MITOLOGIA

NA HISTÓRIA DA ARTE



Mulheres e Mitologia na História da Arte

2

INTRODUÇÃO

3

O DESTINO CUMPRIDO (1888), DE
EDWARD BURNE JONES (1833-1898)

5

DANAË (1907),
DE GUSTAVE KLIMT (1862-1918)

7

HECATE (1795),
DE WILLIAM BLAKE (1757-1827)

9

ANTÍGONA SEPULTA POLINICE
(1825),
DE SÉBASTIEN NORBLIN (1796-1884)

11

O NASCIMENTO DE VÊNUS (1483),
DE SANDRO BOTTICELLI (1445-1510)

INTRODUÇÃO

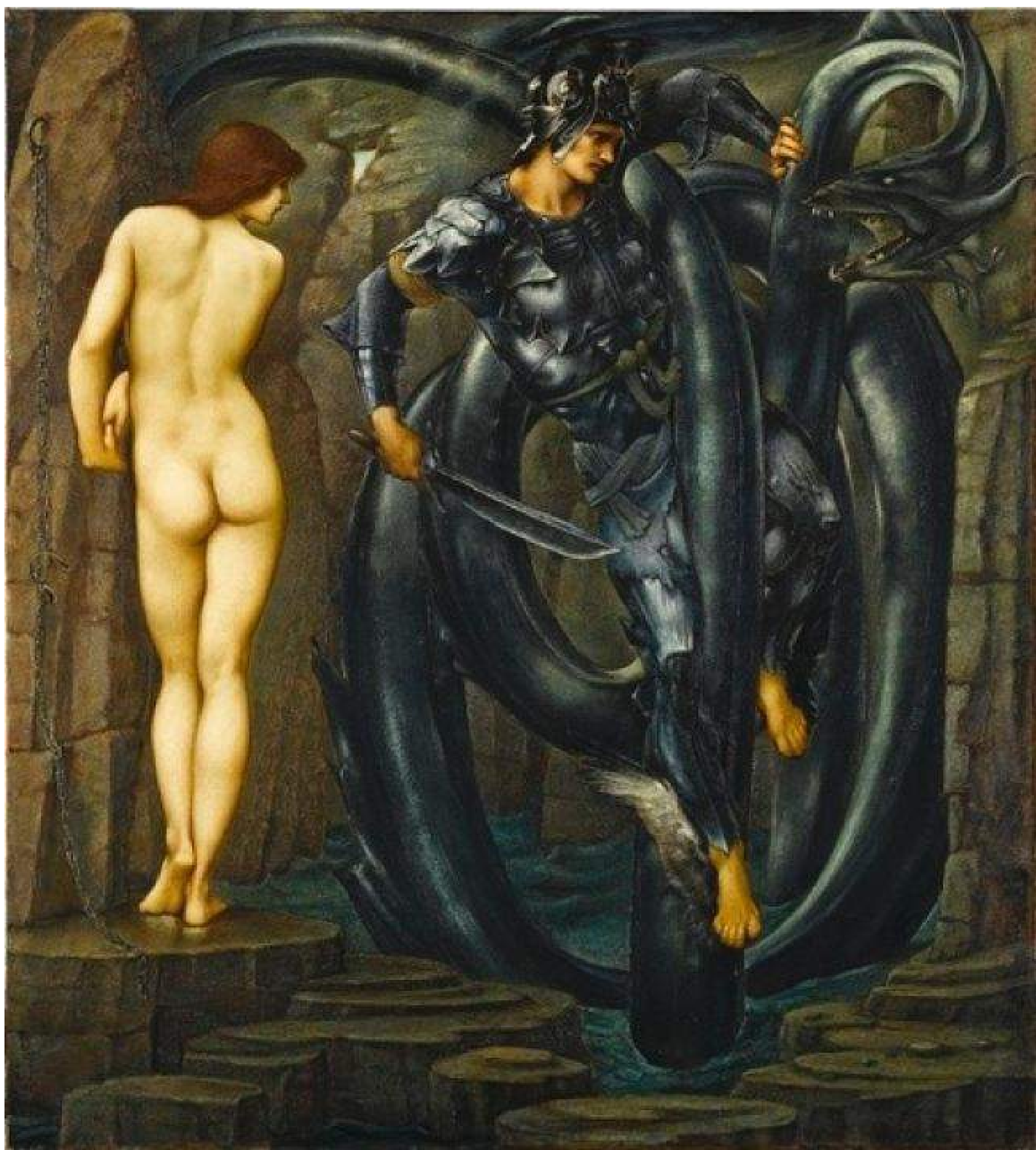
A mitologia clássica é um tema recorrente na História da Arte e mesmo que, em certos períodos da história ela tenha sido menos retratada (ou nem tenha sido) volta e meia estamos de cara com obras que reconstituem fatos da cultura e do imaginário greco-romano.

De um modo geral, a mitologia era uma maneira que os gregos, assim como outros povos, tinham pra explicar não só os fenômenos diários, mas até o fato de se apaixonar por alguém. O nascer e o pôr do sol, por exemplo, eram tarefa de Apolo (ou de Helios), que dirigindo seu carro, iluminava o mundo. Eros, por sua vez, lançava suas flechas para que os mortais – e mesmo deuses – se sentissem amorosamente atraídos uns pelos outros. E isso se refletia na arte do período, em vasos, esculturas e na dramaturgia.

Com o declínio dessas culturas, em parte pela dominação cristã, esses temas foram abandonados, até que com o movimento Renascentista, por volta do século XIII, ele foi retomado e acabou se tornando um tema favorito dos artistas da época. Com os movimentos que se seguiram, ora a mitologia era um grande tema, ora ninguém queria saber. Uma coisa é certa: algumas das maiores e mais importantes obras de arte da humanidade tem na mitologia clássica o seu assunto central.

E dentro da imensa variedade de assuntos, há um destaque para a figura feminina, que dizia respeito não apenas à época do mito, mas ao período em que foi pintada. A seguir preparei uma lista com 5 das obras que considero mais importantes dentro da temática mitológica envolvendo mulheres.

O DESTINO CUMPRIDO (1888),
DE EDWARD BURNE JONES
(1833-1898)



Burne Jones, pintor simbolista inglês, recebeu a tarefa de decorar a sala de recepções do Lord Balfour, que deixou a temática à escolha do artista. O pintor escolheu então o mito de Perseu.

A penúltima tela da série, chamada O Destino Cumprido representa o momento em que o herói ataca e vence o monstro marinho que ameaça a jovem Andrômeda.

Perseu é o mesmo herói que matou a Medusa, usando um truque pra não virar pedra com o olhar do monstro. Logo depois desse feito, ele vê a bela Andrômeda presa a uma rocha, com o monstro marinho por perto. A pintura tem como cenário um fundo rochoso, e o monstro – uma espécie bizarra de serpente – se enrosca no corpo do herói numa tentativa frustrada de ataque. Perseu empunha a espada e o espectador visualiza a morte da besta, adiantada pelo olhar fixo do guerreiro. Nosso olhar é atraído, entretanto, pela moça à esquerda da pintura, Andrômeda. Filha do rei, e parecendo uma estátua de mármore, ela é a imagem do erotismo e do “prêmio” que aguarda o herói, como lembra o historiador Norbert Wolf. Note-se o cuidado de Burne Jones na representação erotizada mas ainda assim aparentemente inocente da princesa.

Esteticamente, ela “resplandece”, sendo o único ponto brilhante num fundo escuro e no meio de uma luta onde prevalece o tom de azul escuro. Numa posição que nos deixa perceber apenas seu rosto de perfil, ela parece se afastar ligeiramente para o lado, mas acompanha atentamente o desenrolar da batalha. Em breve, Andrômeda deixará de ser a presa do monstro para ser a amante do herói. E ela sabe disso. O que acontece nesse caso, é que o pintor representou mais o símbolo feminino de sua época do que necessariamente a grega. O despontar do século XX está ligado a um ideal feminino que combina a inocência pueril com a femme fatale.

DANAË (1907),
DE GUSTAVE KLIMT (1862-1918)



O supremo senhor do Olimpo, Zeus, era reconhecido pelas infidelidades frequentes à esposa, Hera. Muitas vezes, chegava a se disfarçar de outras figuras para realizar o intento de dormir com alguma bela jovem que chamasse sua atenção.

No caso de Danaë, entretanto, não foi o ciúme da deusa que o fez se metamorfosear em chuva de ouro, mas sim o pai da jovem, Acrísio.

Ao consultar o oráculo, soube que seria morto pelo neto, então cuidou de trancar a princesa numa torre, constantemente vigiada.

Sem possibilidade de possuí-la por vias normais, Zeus se transforma então em uma chuva de ouro e fecunda a moça por um orifício no teto da torre (há quem interprete essa leitura dizendo que, na verdade, Zeus subornou os guardas, daí a “chuva de ouro”). Dessa união nasce Perseu, o mesmo herói que mata Medusa e mais tarde salva Andrômeda.

Klimt, que foi um pintor simbolista austríaco, retratou o momento em que Danaë é tomada pelo senhor dos céus e líder do Olimpo. Ela está deitada, vista de lado, com o seio à mostra e as pernas levantadas, enquanto vem a chuva. Na representação klimtiana, a princesa não está acompanhada de outros elementos ou seres – como na homônima de Correggio – mas está sozinha, revelando um momento de total intimidade. Seus cabelos ruivos espalham-se pelos ombros e costas, e sua face com um leve rubor evidenciam o ato sexual e a excitação.

Ao lado dela, pode-se ver um fino tecido de seda, que pode ser uma lembrança da linhagem da moça. A qualidade bidimensional da figura é uma das marcas mais relevantes do autor e sua opção em focar o ato sexual sem a presença de outrem, que não a própria Danaë, deixa claro a escolha pelo erótico do mito.

HECATE (1795), DE WILLIAM BLAKE (1757-1827)



A mãe de Pã, Circe e Cila e deusa do submundo era, segundo a mitologia grega, responsável por enviar os terrores noturnos aos homens. Nas histórias, ora ela aparece como deusa, ora como titã, ora como feiticeira.

Estava ainda ligada à lua e aos partos, e à comunicação entre vivos e mortos. Originalmente, Hecate não estava ligada ao submundo, mas um desentendimento com Hera fez com que a deusa precisasse se esconder sob um lençol, tornando-se impura.

Tal desentendimento aconteceu porque Hecate ajudou Europa, que tivera um romance com Zeus, quando essa fugia da deusa traída. Por ordem do próprio Zeus ela foi purificada, e a ter um papel importante nos domínios do Tártaro. Embora esse papel seja sempre relacionado Perséfone, vale destacar que foi a Hecate quem ajudou a mãe da moça raptada em sua busca.

Na representação do inglês William Blake, que também foi poeta, há uma forte carga dramática. O fundo da cena é escuro, e o arranjo dos elementos conota um espaço fechado, lembrando uma espécie de caverna. Hecate está no lado direito do quadro, olhando para o lado oposto, onde aparecem alguns animais: um burro e uma coruja, facilmente identificáveis, uma cabeça de crocodilo e um estranho morcego com cara de gato.

Ao lado da deusa aparecem dois jovens, um homem e uma mulher, mas não podemos ver seus rostos, ocultos pelo corpo de Hecate, que veste uma saia preta, e segura um livro com a mão direita, certamente um livro de magia, confirmando seu caráter de feiticeira.

Um constante jogo entre os tons escuros e claros da pintura atrai o olhar para o trio.

ANTÍGONA SEPULTA POLINICE (1825), DE SÉBASTIEN NORBLIN (1796- 1884)



Mais que uma representação do mito edipiano, a obra do polonês Sébastien Norblin retrata uma história que se tornou peça de teatro com Sofócles.

Depois de ter descoberto que havia matado o pai e desposado a mãe, Édipo fura os olhos e passa a viver no deserto na companhia da filha, Antígona.

Posteriormente, os dois filhos-irmãos do ex soberano de Tebas acabam por se matar em batalha. A um deles, Etéocles, foi concedido um funeral honroso, pois lutara ao lado do vencedor, seu tio Creonte, ao passo que a Polínicos foi negado enterro e qualquer tipo de honra.

A irmã dos rapazes, Antígona, desafiando o tio, resolveu dedicar o devido luto ao irmão morto – que no acordo entre os dois era, na época, o real ocupante do trono, visto que eles haviam combinado de reinar alternadamente.

Com a morte de ambos, o comando de Tebas ficou com o tio Creonte, que baixou um decreto, proibindo o funeral de Polinices. O castigo seria a morte. Ao desafiá-lo, Antígona selou o próprio destino – e ela sabia disso. Foi morta, fechando assim a tragédia da família de Laio.

A pintura de Norblin é intensamente dramática. Montanhas, um céu coberto de nuvens e um templo compõem o plano de fundo. À esquerda da imagem, três soldados com capas em tons de vermelho se contrapõem ao corpo morto de Polinices, que repousa sobre um manto azul e tem à mostra seu tronco da cintura para cima. A iluminação da esquerda para a direita evidencia, no centro da cena, a jovem Antígona, que usa um manto branco; ela tem o braço esquerdo puxado pelo soldado, ao passo que com o direito, continua derramando unguentos sobre o corpo do irmão.

Embora de joelhos, em meio a homens em maioria e com o dobro de seu tamanho, Antígona não demonstra medo. Seu semblante não demonstra nenhum sinal de alarme em relação aos soldados, mas uma profunda tristeza por não conseguir prantejar o seu irmão como era direito.

O NASCIMENTO DE VÊNUS (1483), DE SANDRO BOTTICELLI (1445- 1510)



Esta talvez seja uma das obras mais conhecidas e reproduzidas ao longo dos séculos.

A moça nascida da concha, Vênus para os romanos e Afrodite para os gregos, já estampou, na sociedade moderna, de embalagens a capas de caderno. É a deusa do amor e da beleza, que segundo a versão mais recorrente da mitologia grega, é constituída de espuma do mar e trazida à costa do Chipre, onde foi criada pelas Cáritas, filhas de Zeus.

Do lado esquerdo, ela recebe o sopro de Zéfiro, responsável pelos ventos do oeste, e do lado direito, uma manta coberta de flores, entregue por uma das Horas, deusas das estações. Embora seu corpo esteja numa posição frontal, permitindo ao observador que contemple sua nudez, parcialmente oculta pelas mãos e cabelos, ela inclina o rosto e o olhar para a sua esquerda.

Acredita-se que Botticelli tenha produzido essa imagem através de uma encomenda de um dos Médici, que a queria para enfeitar sua casa. Feita numa época em que a produção artística em geral primava por temas católicos, a obra foi vista como uma espécie de apologia ao paganismo.

Embora seja uma obra de qualidade estética inegável, alguns detalhes, como o alongamento demasiado do pescoço e o ângulo improvável do ombro, mostram o estilo de seu autor, menos realista que Leonardo e Rafael, por exemplo. Até hoje, mesmo com as inúmeras obras posteriores de que serviu como referência, a Vênus de Botticelli é um clássico da representação feminina na história da arte.

FICHA TÉCNICA



Autora: Rute Ferreira

Título: Mulheres e Mitologia na História da Arte

Edição: Citaliarestauro.com

Data: Janeiro 2019